Uma visão histórica da Escola de Frankfurt e de sua teoria crítica

A historical overview of the Frankfurt School and its critical theory

Una visión de la Escuela de Frankfurt y su teoría crítica

O presente artigo busca analisar a evolução histórica da Teoria Crítica elaborada pela Escola de Frankfurt e a força de seu legado na atualidade como um referencial teórico metodológico para a fundamentação das diversas temáticas trabalhadas no meio acadêmico. Seus pensadores, em especial, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin se fixaram no registro da crítica negativa, e da denúncia. O pensamento desenvolvido revelava a preocupação em rever os referenciais marxistas e desse modo o saber (a razão) deveria ser o mecanismo que processaria a emancipação do homem, rompendo o controle autoritário da religião nas esferas de valor das sociedades. O destino não seria mais ditado por forças externas (deuses, mitos e leis da natureza), mas sim pelos saberes subordinados à ciência e a técnica (positivismo) que seria consubstanciado em ideologia tecnocrática pelo capitalismo e em tecnoburocracia. Nos dias atuais, a escola encontra-se representada por Habermas, dentre outros pensadores que procuram recriar caminhos para uma nova postura do conhecimento no contexto social tecnológico.

This paper analyzes the historical evolution of the critical theory developed by the Frankfurt School and the strength of its legacy today as a theoretical framework for the reasoning of the various thematic works done in academia. Its authors, in particular; Theodor Adorno, Max Horkheimer and Walter Benjamin focused in the registering negative criticism and complaint. The thought developed revealed the concern in reviewing the Marxist references and thereby know that knowledge (reason) should be the mechanism that would enable the emancipation of man, breaking the authoritarian control of religion in the value spheres of societies. The target would not be dictated by external forces (gods, myths and laws of nature), but by the knowledge subordinated to science and technical (positivism) that would be embodied in technocratic ideology of capitalism and techno bureaucracy. Nowadays the school is represented by Habermas, among other sociologists seeking ways to recreate a new stance of knowledge in the technological social context.

En este artículo se pretende analizar la evolución histórica de la teoría crítica desarrollada por la Escuela de Frankfurt y la fuerza de su legado hoy en día como un marco teórico metodológico para el razonamiento de los distintos temática trabajado en el mundo académico. Sus pensadores, especialmente Theodor Adorno, Max Horkheimer y Walter Benjamin se establecieron en el registro de la crítica negativa y denuncia. El pensamiento desarrollado reveló la preocupación en la revisión de la referencia marxista y que la manera de saber (la razón) debe ser el mecanismo que procesar la emancipación del hombre, rompiendo el control autoritario de la religión en las sociedades esferas de valor. El destino no sería dictada por fuerzas externas (dioses, mitos y las leyes de la naturaleza), sino por el conocimiento subordinada a la ciencia y la tecnología (positivismo) que se encarna en la ideología tecnocrática del capitalismo y tecnoburocracia. Nos hoy es la escuela Si representada por Habermas, entre otros pensadores que buscan formas de recrear una nueva posición de conocimiento en el contexto social tecnológica.

Palavras-chave: Escola de Frankfurt, Teoria Crítica, Evolução, Conhecimento.

Autora:

Christiane do Vale Leitão

Professora da Estácio – FIC – Pós-graduada em Sociologia.

E-mail: cristiane.leitao@estacio.onmicrosoft.com

Introdução

O contexto histórico que propiciou a formação da Escola de Frankfurt (Frankfurter Schule) foi marcado por vários acontecimentos em todas as áreas do pensamento humano, tanto nos campos econômico quanto social, e em especial nos cenários políticos da Alemanha e da Itália, no início do século XX.

O grande líder da unificação da Alemanha Otto Von Bis-

marck foi quem, em 1871, consolidou o Estado alemão sob a hegemonia da Prússia, o que significava predominância do militarismo e da burocracia.

A sociedade alemã foi seriamente abalada por movimentos políticos no início do século e a Alemanha assistiu a duas insurreições operárias: a de novembro de 1918, que proclamou a República de Weimar e depois os Hohenzollern do poder, e a de 1923 do levante dos operários de Bremen, que foi sufocado pelo Partido Socialista Alemão que, na ocasião, era governo.

Foi nesse meio de agitação revolucionária que em 1922, numa época de inflação galopante e de tumultos políticos espalhados por grande parte do território, que ocorreu a semana de estudos marxistas. Um seminário denominado de Erste Marxistische Arbeitswoche foi realizado em um hotel em Ilmenau, na Turíngia, organizado por Felix Weil, com a participação de

Integrantes do simpósio sobre marxismo,
núcleo fundador da Escola (1923)

FONTE: <http://pt.slideshare.net/eddieuepg/teoria-critica>

alguns intelectuais tais como Karl Korsch, Georg Lukács, Friedrich Pollock, Karl August Wittfogel, dentre outros.

Motivados pela realização do evento surgiu a ideia de institucionalizar um grupo de trabalho composto por intelectuais e pensadores, cuja formação acadêmica era oriunda de diversas áreas das ciências humanas, tais como a filosofia, sociologia, economia, a psicologia, comunicação social e a teologia, para compilação de documentação e teorização dos movimentos operários na Europa.

Em Fevereiro de 1923, nascia o Institut fuer Sozialforschung (Instituto de Pesquisa Social), originalmente vinculado à Universidade de Frankfurt. O Instituto, recém-fundado, desejava estudar a história do movimento trabalhista e do socialismo da época, visando suprir no meio acadêmico alemão uma lacuna existente. Para esta realizar tais estudos reuniu socialistas de cátedra (kathedersozialisten), numa época em que os marxistas rejeitavam o trabalho acadêmico.

A Evolução Histórica da Escola de Frankfurt

O Instituto de Pesquisa Social foi fundado em 1923, por Carl Grünberg, historiador e marxólogo, que permaneceu no cargo entre os anos de 1923 até meados de 1930. O primeiro Diretor tinha como objetivo fazer um levantamento histórico das lutas do movimento operário no estado alemão.

Importante ressaltar que inicialmente cogitou-se o nome de “Instituto para o Marxismo”, mas optou-se por “Instituto para a Pesquisa Social”, em razão do anticomunismo reinante nos meios acadêmicos alemães nos anos 1920-1939, e pelo fato de seus membros e colaboradores não adotarem o espírito e a letra do pensamento de Marx e do marxismo da época. Intencionavam formar uma teoria social que volta - se para a necessidade do esclarecimento da sociedade quanto às estruturas dominantes instituídas.

A Escola de Frankfurt foi fundada em 1924, por iniciativa de Felix Weil, de origem judaica, filho de Herman Weil, um grande negociante de grãos de trigo na Argentina, que teve importante atuação na sua formação, pois ajudava a financiar as atividades do Instituto. Este financiamento garantiu autonomia e a sobrevivência nos turbulentos anos que se seguiram no conturbado momento vivido pela sociedade alemã.

A Escola seria uma espécie de anexo da Universidade de

Frankfurt ligado, todavia, ao Ministério da Educação e Cultura da Prússia, que funcionaria em um prédio próprio e receberia uma dotação anual de cento e vinte mil marcos alemão proveniente de seu mecenas, o Sr. Herman Weil.

Em 1929, assumia a direção da escola o jovem filósofo Max Horkheimer que alterou a linha de pesquisa dos estudos do Instituto com o objetivo de compreender melhor as relações entre a modernidade, a tecnologia e os problemas sociais. Com isto, o Instituto ganhou feições de um verdadeiro centro de pesquisa, abandonando a sua linha de enfoque anterior, baseada em uma mera busca pela compilação e descrição histórica dos movimentos sociais operários.

Esta transformação de orientação faz-se sentir até mesmo no nome da revista do Instituto que antigamente se chamava Archiv fuer die Geschichte des sozialismus und der arbeitbewegung (Arquivo para a história do socialismo e do movimento operário) e passou a ter um o novo nome de Zeitschrift fuer sozialforschung (Revista de Pesquisa Social). A nova publicação iniciou nos anos de 1932 e permaneceu até meados dos anos de 1941, ininterruptamente.

O meio oficial de divulgação das idéias da Escola passou a ser a Revista de Pesquisa Social, que agora não mais abordava apenas assuntos sobre economia, mas oferecia a seus leitores novos ensaios sobre temas multidisciplinares, incluindo, em especial, a filosofia.

O novo diretor Marx Horkheimer congregou um eclético grupo de intelectuais e pensadores de diversas áreas, tais como Erich Fromm, Friedrich Pollock, Wittfogel, Gumpertz, Adorno, Marcuse, dentre outros. Apresentavam seus trabalhos e ideias através de ensaios e não mais por meio de tratados, onde formulavam trabalhos e análises críticas e denúncias, aos modelos teóricos existentes, não se atrelando a nenhum dogma partidário e claro, não desconsideravam o viés esquerdista de suas pesquisas.

No seu discurso inaugural em 1931, Horkheimer formulou um manifesto que afirmava um “novo paradigma” representado pela fusão do materialismo histórico com a psicanálise, além da abertura a outros pensadores como Schopenhauer e Nietzsche.

A adoção do nome “Escola de Frankfurt”, foi uma iniciativa de Horkheimer, já nos idos dos anos 1950, e designava o nome que se dá, simultaneamente, a uma teoria social e a um grupo de intelectuais e pensadores

A Teoria Crítica realizou uma incorporação do pensamento de filósofos “tradicionais”, colocando suas idéias em contraponto com o mundo social e político existente à época, por meio de uma busca incessante de modelos teóricos de origem multidisciplinar mesclados com trabalhos de campo que lhes permitissem entender o que estava ocorrendo naquele momento no mundo, após a primeira Guerra.

Os estudos dos frankfurtianos se orientavam por três eixos básicos: a) a dialética da razão iluminista e a crítica da ciência; b) a dupla face da cultura e a discussão da indústria cultural; c) a questão do Estado e suas formas de legitimação.

Os seus pensadores da primeira geração assistiram e vivenciaram a ascensão do nazismo na Europa e adotaram os fenômenos da cultura como objeto de estudo para entender o tempo presente nos aspectos da dominação/ alienação e emancipação em relação aos mecanismos de controle social. Um dos principais questionamentos buscava entender como os indivíduos se tornavam insensíveis à dor do autoritarismo, negando a sua própria condição de indivíduo ativo no corpo social.

A Idéia fundamental da escola parte do princípio de uma

crítica ao caráter cientificista das ciências humanas que se baseava em dados e pesquisas empíricas e analíticas (funcionalismo). A temática focada na análise da organização dos trabalhadores (movimentos sociais operários) visava entender a cultura como elemento de transformação da sociedade, utilizando como balizas os pressupostos do Marxismo para explicar o funcionamento da sociedade e a formação de classes, e da Psicanálise para compreender a formação do indivíduo, enquanto elemento que compõe o corpo social.

O Diretor Horkheimer preocupado com o crescimento do nazismo começa a fundar filiais do Instituto, iniciando pela cidade de Genebra, na Suíça, onde o Instituto passou a ter o nome de Société Internationale de Recherches Sociales. Em seguida, estabeleceu-se em Londres e Paris e transferiu a redação da revista de Leipzig para Paris.

Em 1933, o governo nazista decretou o fechamento e confiscou o prédio do Instituto por suas “atividades hostis ao Estado”, ocasião em que 60 mil livros foram apreendidos e confiscados, fato este que acelerou a ideia da transferência da Escola, para a cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, com o apoio de Nicolas Murray, diretor da Universidade de Columbia, onde passou a se chamar International Institute of Social Research, vinculado à Universidade de Columbia.

Neste período em que o Instituto já se encontrava estabelecido em Nova Iorque foram concedidas mais de 50 bolsas para intelectuais e judeus perseguidos pelo nazismo.

A partir deste momento, muitos de seus importantes trabalhos começaram a emergir, ganhando uma recepção favorável na academia inglesa e no cenário intelectual americano.

O grupo que se transferiu, acompanhou o surgimento do que os funcionalistas chamam de “cultura de massa”, com o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, principalmente do rádio.

Os Frankfurtianos foram os pioneiros a contestar o conceito de cultura de massa e ainda nos anos 1940, seus pesquisadores propõem o conceito de indústria cultural em substituição ao conceito de cultura de massa.

Somente no início dos anos 1950, foi que Horkheimer e Adorno, dois dos maiores expoentes intelectuais desta corrente conseguem retornar à Alemanha Ocidental, apesar de alguns colegas do grupo optarem por permanecer nos Estados Unidos. O Instituto foi formalmente restabelecido em Frankfurt no ano de 1953.

Principais Pensadores e suas obras

Eram membros integrantes no momento da fundação da Escola de Frankfurt: Max Horkheimer; Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Friedrich Pollock, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, Leo Löwenthal, Heidelberg.

A “Segunda geração” de teóricos do Instituto incluía em seus quadros: Jürgen Habermas, Franz Neumann, Oskar Negt, Alfred Schmidt, Albrecht Wellmer, Axel Honneth.

Outros autores e intelectuais renomados integraram temporariamente as hostes do Instituto tais como Walter Benjamin, Siegfried Kracauer, Karl August Wittfogel, Alfred Sohn-Rethel.

No período da emigração, as publicações do Instituto fundaram a Teoria Crítica, que atua na contramão da objetividade sistêmica outorgada pelo positivismo. Busca reativar a essência original da razão, resgatando sua capacidade dialética de redirecionar o processo histórico, por meio de uma relação orgânica e interativa entre sujeito e objeto “*O sujeito do conhecimento é um sujeito histórico que se encontra inserido em um processo igualmente histórico que o condiciona e molda*”.

(FREITAG, 1988a, p.42).

Também neste período surgiram duas novas obras que se tornaram marcos para a pesquisa e a teorização sociológicas: *The Authoritarian Personality* (1950), pesquisa empírica elaborada por Adorno, Frenkel-Brunswick, Levinson, Sanford, Morrow, etc, e *Dialética do Esclarecimento* (1947). *The Authoritarian Personality* traz marcas nítidas do trabalho desenvolvido por Horkheimer e Fromm na Europa *Studien ueber autoritaet und familie*.

Marx Horkheimer (1895-1973) - Theodor Adorno (1903 - 1969)

Max Horkheimer nasceu em 14 de fevereiro de 1895, na cidade de Stuttgart na Alemanha e faleceu em Nuremberg, no dia 07 de julho de 1973. Como todos os intelectuais da Escola de Frankfurt, era judeu de origem, filho de um industrial de nome Mortitz Horkheimer, e por intermédio de seu amigo Friedrich Pollock, Horkheimer, associou-se em 1923 à criação do Instituto para a Pesquisa Social.

Suas formulações, acerca da Razão Instrumental, junto com as teorias de Theodor Adorno e Herbert Marcuse compõem o núcleo fundamental da base teórica da Escola de Frankfurt, que questionam o impacto da tecnologia na cultura e na vida do indivíduo. Destaca-se a sua inspiração, na pessoa do filósofo alemão Schopenhauer, por quem tinha uma profunda admiração e respeito.

A razão instrumental submete o trabalho teórico “*(...) às regras gerais da lógica formal, ao princípio da identidade e da não-contradição, ao procedimento dedutivo e indutivo, à restrição do trabalho teórico a um campo claramente delimitado...*” (FREITAG, 1988, p.41). O discurso encaminhado pelos frankfurtianos consiste em criticar essa razão instrumental que se autonomizou da razão iluminista e submeteu o homem à ditadura da ciência e da técnica tolhendo-lhe a liberdade em benefício da racionalização da produção capitalista.

*Em meu ensaio “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” aponte a diferença entre dois métodos gnosiológicos. Um foi fundamentado no Discours de la Méthode [Discurso sobre o Método], cujo jubileu de publicação se comemorou neste ano, e o outro, na crítica da economia política. A teoria em sentido tradicional, cartesiano, como a que se encontra em vigor em todas as ciências especializadas, organiza a experiência à base da formulação de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual. Os sistemas das disciplinas contêm os conhecimentos de tal forma que, sob circunstâncias dadas, são aplicáveis ao maior número possível de ocasiões. A gênese social dos problemas, as situações reais nas quais a ciência é empregada e os fins perseguidos em sua aplicação, são por ela mesma consideradas exteriores. – A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não são para ela uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo as leis da probabilidade. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ele. Os objetos e a espécie de percepção, a formulação de questões e o sentido da resposta dão provas da atividade humana e do grau de seu poder.» (Max Horkheimer, Filosofia e Teoria Crítica, 1968, em **Textos Escolhidos**, Coleção Os Pensadores, p. 163)*

As principais obras de Horkheimer são: a) Materialismo e Moral, ano de 1933; b) Teoria Tradicional e Teoria Crítica, de 1937; c) Eclipse da Razão, de 1947; d) Teoria Crítica Ontem e Hoje, no ano de 1970.

A Teoria Crítica representava um caldeirão ideológico, ad-

vindo de um país de tradição fortemente filosófica, misturando teorias marxistas, criticismo, ideias nietzschianas e teorias psicanalíticas.

O conceito de Indústria Cultural foi criado na década de 40 por Adorno e Horkheimer e trata da produção da cultura como mercadoria. Apresenta-se como o conjunto das instituições sociais vinculadas à produção e distribuição de bens simbólicos, pois a partir do final do século XIX os meios de comunicação provocaram uma alteração sem precedentes no cenário cultural.

Para Horkheimer e Adorno a cultura tornava-se um produto que gerava a serialização e a padronização da cultura por meio de uma racionalidade técnica como racionalidade da dominação. Os produtos culturais são entendidos como produtos feitos para impedir a atividade mental do espectador, são vistos, portanto, como produtos alienantes – cultura da alienação.

Na Indústria Cultural, o lucro orienta a produção e o espaço da criação individual do artista é eliminado em virtude da lógica e da produção coletiva.

- Theodor Adorno

Theodor Wiesengrund Adorno nasceu em 1903, na cidade de Frankfurt, filho de pai alemão de origem judaica, e de mãe italiana, uma cantora lírica católica italiana, de quem adotou o sobrenome Adorno. Na Universidade de Frankfurt, estudou Filosofia, Musicologia, Psicologia, Sociologia e cedo em sua vida intelectual, descobriu a obra de Kant por intermédio de seu amigo Kracauer, especialista em sociologia do conhecimento, que viria a se notabilizar com a publicação da obra “*De Caligari a Hitler*,” sobre as relações entre o cinema e o nazismo.

O autor nasceu e cresceu em um meio de musicistas e amantes de músicas e logo se orientou para a estética musical. Entre 1921 e 1932, publicou cerca de cem artigos sobre crítica e estética musical.

Adorno era um dos que mais desejavam o retorno do Instituto à Frankfurt, mas isso só aconteceu com o fim da Segunda Guerra, e depois da volta ele se tornou seu diretor-adjunto em 1955, e com a aposentadoria de Horkheimer, foi nomeado o novo diretor da Escola.

Dizem os autores Adorno e Horkheimer:

Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos (...) paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva (ADORNO & HORKHEIMER, 1997:119).

Integram as Principais Obras de Adorno: a) Kierkegaard - A construção do estético, 1933; b) A Ideia de História Natural, 1932; c) Mínima Moral, 1945; d) Dialética do Esclarecimento, 1947; e) Dialética Negativa, 1966; f) Teoria Estética, 1968.

A unificação da função intelectual, graças à qual se efetua a dominação dos sentidos, a resignação do pensamento em vista da produção da unanimidade, significa o empobrecimento do pensamento bem como da experiência (Adorno e Horkheimer, 1997:110).

Walter Benjamin (1892- 1940) e Jürgen Habermas (1929)

- Walter Benjamin

Walter Benjamin nasceu na cidade de Berlim, em 15 de julho de 1892, no seio de uma família judaica. Sua formação acadêmica foi fortemente inspirada tanto por autores marxistas, como Georg Lukács e Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem.

O Autor é um dos filósofos mais significativos da modernidade, somente reconhecido enquanto tal após sua trágica morte, durante a fuga das forças nazistas. Em vida, ele era reconhecido enquanto intelectual apenas em seu círculo de pensadores, como Ernst Bloch e T. W. Adorno, que tomou a iniciativa de editar toda sua obra postumamente.

O seu trabalho constitui um contributo original para a teoria estética. Em 1940, ano da sua morte, Benjamin escreve a sua última obra, considerada por alguns como o mais importante texto revolucionário desde Marx; por outros, como um retrocesso no pensamento benjaminiano: as Teses Sobre o Conceito de História.

Dentre as principais obras de Benjamin, destacam-se : a) A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica – 1930; b). Paris, Capital do século XIX (inacabada); c) Teses Sobre o Conceito de História - 1940; d) A Modernidade e os Modernos; e) “Haxixe”; f) Origem do Drama Barroco.

Nos escritos de Benjamin, o impacto da tecnologia na vida do indivíduo enfraquece o processo de socialização na medida em que o homem deixa de depender de outros para a produção cultural. Desse modo, o progresso tecnológico – no viés positivista cria as condições para harmonizar-se com a barbárie.

O pensamento do Autor está profundamente enraizado na tradição romântica alemã e na cultura judaica da Europa Central e responde a uma conjuntura histórica precisa, a da época das guerras e das revoluções que vai de 1914 a 1940. E, no entanto, os temas principais de sua reflexão e, em particular, suas teses “Sobre o conceito de história” são de uma *universalidade* admirável: elas nos fornecem ferramentas para compreender realidades culturais, fenômenos históricos, movimentos sociais em outros contextos, outros períodos e outros continentes. Mas, em última análise, isso vale também para toda a teoria crítica.

- Jürgen Habermas (1929)

Jürgen Habermas nasceu na cidade de Düsseldorf, na Alemanha em 18 de Junho de 1929. Licenciou-se em 1954 na Universidade de Bonn, com uma tese sobre Schelling, intitulada: O Absoluto e a História. Entre os anos de 1956 e 1959, foi assistente de Theodor Adorno na Escola de Frankfurt.

Em 1968, transferiu-se para os Estados Unidos, passando a lecionar na New School for Social Research de Nova York e a partir do ano de 1971, dirigiu o Instituto Max Planck, em Starnberg, na Baviera. Já em 1983, transferiu-se para a Universidade Johann Wolfgang von Goethe, de Frankfurt onde permaneceu até aposentar-se em 1994. Continua, até o presente momento, muito produtivo, publicando novos trabalhos a cada ano e ainda participa de debates e escreve em jornais, como cronista político.

Configuram-se como as principais obras de Habermas: a) Técnica e Ciência como “Ideologia”, [1968] (1994); b) Communication and the Evolution of Society [1976] (1995), c) “A Nova Opacidade: A Crise do Estado- Providência e o Esgotamento das Energias Utopicas”, (1985a); d) O Discurso Filosófico da Modernidade, [1985b] (1990); e) “Tendências de Juridicização”, (1987); f) The Dialectics of Secularization (2007).

Habermas questiona que a razão seja meramente a capacidade de manipular corretamente regras formais. Para se aplicar o conceito de razão à prática e à moral, torna-se necessária uma concepção mais abrangente: a razão dialógica ou comunicativa. Com este debate, Habermas começa a se distanciar dos seus mestres e formula uma discussão original: A Teoria da ação comunicativa – racionalidade comunicativa: mundo vivido e a concepção sistêmica.

A Razão subjetiva (dialógica) para Habermas constitui-se no resultado de um diálogo, em que dois indivíduos, através de argumento, chegam a um acordo. A razão não é monológica, mas dialógica. Esta razão não é inata, transcendental; é a intersecção de três mundos: o objetivo, o social e o subjetivo dos afetos.

Como diz Habermas, a ação comunicativa ocorre:

... sempre que as ações dos agentes envolvidos são coordenadas, não através de cálculos egocêntricos de sucesso, mas através de atos de alcançar o entendimento. Na ação comunicativa, os participantes não estão orientados primeiramente para o seu próprio sucesso individual, eles buscam seus objetivos individuais respeitando a condição de que podem harmonizar seus planos de ação sobre as bases de uma definição comum de situação. Assim, a negociação da definição de situação é um elemento essencial do complemento interpretativo requerido pela ação comunicativa. (1984, p. 285, 286).

A Teoria da ação comunicativa permite reconstruir a história da sociedade na medida em que consegue abarcar a sua complexidade. A modernidade tem, ao menos, duas vantagens: 1) desenvolveu os meios técnicos para satisfazer todas as necessidades do homem; 2) substituiu as crenças religiosas por sistemas de normas e valores consensualmente elaborados pelo atores do sistema.

Para Habermas toda relação comunicativa se insere em um contexto de normas sociais, que interage com a vontade do indivíduo e refere-se a um terceiro elemento externo.

Nas palavras de Habermas,

... à medida que o potencial embutido na ação comunicativa é realizado, o núcleo normativo arcaico se dissolve e abre caminho para a racionalização das visões de mundo, para a universalização da lei e da moralidade e para uma aceleração dos processos de individuação (1987a, p. 4b).

Desta feita,

... a comunidade religiosa que fez, pela primeira vez, possível a cooperação social é transformada em uma comunidade de comunicação baseada na pressão para cooperação. A interação guiada pela norma muda sua estrutura à medida que as funções de reprodução cultural, integração social, e socialização [ou seja, a reprodução simbólica do mundo da vida] passam do domínio do sagrado para aquele da prática comunicativa cotidiana (1987a, p. 91)". Habermas, J. (1987a) The theory of communicative action. Vol 2. Lifeworld and system: A critique of functionalist reason. "Boston, Beacon Press.

A racionalidade da comunicação está na prática e seus efeitos. Comunicar não é apenas trocar informações, mas é agir, interferir na ação e modificar atitudes em diferentes escalas.

A Esfera pública é o conjunto dos espaços de discussão social onde a partir do livre debate, procura-se um consenso. A expressão "esfera pública" está diretamente ligada a espaço público e opinião pública e é regida pelo aparecimento da imprensa e desenvolvimento das mídias a partir do século XVIII com a ascensão da burguesia como classe dominante.

A Teoria Crítica

A Teoria Crítica apresenta um espectro de atuação bem amplo e nomeia todas as teorias que se pautam pela negação da ordem estabelecida, pelo anti-positivismo, pela busca de uma sociedade mais justa e humana. Quando falamos em Teoria Crítica, referimo-nos ao pensamento de um grupo de intelectuais marxistas não ortodoxos, alemães, alguns deles filhos de judeus, que, a partir dos anos 1920, desenvolveram pesquisas e intervenções teóricas sobre problemas filosóficos, econômicos, sociais, culturais, estéticos gerados pelo capitalismo de sua época e influenciaram, de certo modo, o pensamento ocidental particularmente dos anos 40 aos anos 70 do século passado.

A Teoria Crítica representa uma inflexão teórica no pensamento social predominante na primeira metade do século XX. Prevalencia, então, o pensamento orientado pela Teoria Positivista, fundada por Augusto Comte, e o Idealismo Alemão, defendido por Schelling, Fichte e Hegel. A primeira funda-se no empirismo – o conhecimento sensível das coisas – perspectiva que toma as coisas como estas se apresentam, como realidades dadas e sobre as quais não cabem transformações.

Já o Idealismo Alemão, anterior ao Positivismo, tem sua origem no *cogito ergo sum* de René Descartes ("Penso, logo, existo") e no primado do pensamento (razão) sobre o conhecimento material e objetivo. Com raízes no romantismo e na teologia, procura explicar a sociedade tendo a razão como perspectiva. No viés idealista, a realidade social pode ser criada a partir de ditames razoáveis.

O termo "Teoria Crítica" se consagrou a partir do artigo de Max Horkheimer, em 1937 "Teoria tradicional e teoria crítica", escrito no exílio, nos Estados Unidos, em que o autor prefere utilizar essa expressão para fugir da terminologia "materialismo histórico" utilizada pelo marxismo ortodoxo, hegemônico na época, ao qual criticava por razões políticas e, sobretudo, por querer mostrar que a teoria de Marx era atual, mas devia se importar em suas reflexões com outros aspectos críticos presentes na abordagem da realidade: o filosófico, o cultural, o político, o psicológico e não se deixar conduzir predominantemente pela análise economicista. Diz ele, no ensaio "Filosofia e Teoria Crítica", também de 1937:

Em meu ensaio "Teoria Tradicional e Teoria Crítica" aponte a diferença entre dois métodos gnosiológicos. Um foi fundamentado no Discours de la Méthode [Discurso sobre o Método], cujo jubileu de publicação se comemorou neste ano, e o outro, na crítica da economia política. A teoria em sentido tradicional, cartesiano, como a que se encontra em vigor em todas as ciências especializadas, organiza a experiência à base da formulação de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual. Os sistemas das disciplinas contêm os conhecimentos de tal forma que, sob circunstâncias dadas, são aplicáveis ao maior número possível de ocasiões. A gênese social dos problemas, as situações reais nas quais a ciência é empregada e os fins perseguidos em sua aplicação, são por ela mesma consideradas exteriores. – A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não são para ela uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo as leis da probabilidade. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ele. Os objetos e a espécie de percepção, a formulação de questões e o sentido da resposta dão provas da atividade humana e do grau de seu poder. (Horkheimer, Filosofia e Teoria Crítica, 1968b, p. 163)

São características determinantes da referida escola: a) O desprezo pela ação revolucionária física ou material e por uma ação contínua e cultural, devidamente disfarçada de intelectualismo contestatário; b) viés marxista, muito embora fosse uma tentativa de

reinterpretação do marxismo e da reinterpretação do mundo pelo marxismo; c) criticismo e a forte contestação generalizada da cultura ocidental que cegava as classes e permitia o domínio imperialista; d) desestabilização de valores profundamente arraigados.

Três grandes momentos da teoria crítica: a) Nas reflexões até 1950 notava-se a orientação dos estudos nos prismas sociológicos e filosóficos; b) Após o retorno a Frankfurt, com a reconstrução do Instituto e já sob a direção de Adorno, a cultura e a estética ganham relevância; c) Com o início da década de 70 é Habermas que assume a liderança na busca de fundamentar uma teoria da ação comunicativa.

Há inúmeros pesquisadores na Alemanha e em outros países que continuam a tradição dos primeiros pesquisadores da Escola de Frankfurt. Dentre eles podemos citar, na Alemanha, os doutores Christoph Türcke (Univ. de Leipzig), Andreas Gruschka (Univ. de Frankfurt), Detlev Claussen (Univ. de Hannover), Alex Demirovič (Technische Universität Berlin); na Espanha, Jose Antonio Zamora (CSIC/Madrid), Mateu Cabot (Universitat de les Illes Balears); em Israel, Ilan Gur Ze'ev (Univ. de Haifa); nos Estados Unidos, Susan Buck-Morss (City University of New York – CUNY), Martin Jay and Douglas Kellner (Univ. of California), entre outros.

No Brasil existem vários grupos de pesquisas que atualmente trabalham com a Teoria Crítica e a Educação, particularmente com as contribuições conceituais de Theodor W. Adorno, Walter Benjamin e Herbert Marcuse: a) Teoria Crítica e Educação, da UNIMEP, sob a liderança de Bruno Puccie, Belarmino César G. da Costa e com a participação de Nilce Maria A. de Arruda Campos e Luzia Batista de Oliveira Silva; b) Teoria Crítica e Educação da UFSCar, sob a liderança de Antônio Álvaro Soares Zuin e Newton Ramos de Oliveira, com participação de Luiz Roberto Gomes; c) Tecnologia, cultura e formação, da UNESP-Araraquara, sob a liderança de Renato Franco e de Luiz Antônio Calmon Nabuco Lastória, com participação de Paula Ramos de Oliveira; d) Estética, Mídia e Educação contemporânea, da UEM-Maringá, sob a liderança de Luiz Hermenegildo Fabiano; e) A Teoria da Educação de Adorno e sua apropriação para análise do currículo e de práticas escolares, da PUC-Minas, sob a liderança de Rita Amélia Teixeira Vilella; f) Teoria Crítica da Sociedade, Racionalidades e Educação, da UFSC, sob a liderança de Alexandre Fernandez Vaz; g) Teoria Crítica e Literatura, da UNICAMP, sob liderança de Fabio Durão; h) Teoria Crítica e Educação, da UFLA – Universidade Federal de Lavras, sob a liderança de Luciana Azevedo Rodrigues; i) Teoria Crítica como teoria da mudança social: cultura, filosofia, psicanálise, sob a liderança de Robespierre de Oliveira, UEM, PR.; j) Teoria Crítica e Filosofia Social, UFU, sob a liderança de Rafael Cordeiro Silva; l) Racionalidade e Educação, UFPel, sob a liderança de Avelino da Rosa Oliveira; m) Estética e

FONTE: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=240>

Filosofia da Arte, UFMG, sob a liderança de Rodrigo Duarte e com a participação de Eduardo Soares Neves Silva e de Verlaine Freitas; n) Estudos sobre Ética e Estética, UFOP, sob a liderança de Douglas Garcia Alves Junior.

Considerações Finais

A escola pregava que certos elementos presentes na civilização representavam fortes óbices à verdadeira transcendência e à genuína liberdade individual.

Dessa forma, em teoria, faziam oposição a valores da sociedade ocidental como a noção de moralidade, religião, família, conceitos variados como estética, Arte, etc.

Através da lente do marxismo observavam a sociedade, tecendo a ela sua oposição através da “Teoria Crítica”, visando uma transformação dialética da cultura ocidental, deturpada e que leva a humanidade a perder as suas essências.

A reinterpretação da sociedade se dava em várias frentes de contestação como a crítica: da Arte; ao sistema capitalista; ao consumo e a cultura massiva; à indústria cultural e a coisificação do homem através da alienação do ser.

Por fim, representa uma crítica à sociedade envenenada por um capitalismo perverso, dominado por poderosos que tornam as pessoas coisas - *coisificação*, anulando-lhes a capacidade de “ser no mundo”, de ser pensante e com consciência de classe.

Assim, a Escola de Frankfurt torna-se conhecida por desenvolver uma “teoria crítica da sociedade”, que é um modo de fazer filosofia integrando os aspectos normativos da reflexão filosófica e confrontando-os com as questões sociais, visto que o objetivo é fazer a crítica, buscando o entendimento e promovendo a transformação da sociedade.

Referências bibliográficas

- COMTE, A. Curso de filosofia positiva; discurso sobre o espírito positivo; discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; catecismo; positivista; seleção de textos de Jose Arthur Giannotti. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FREITAG, Barbara. A Teoria crítica: ontem e hoje. 2a. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. Por *Habermas e a teoria da Modernidade*, por Caderno CRH, vol. 8, nº 22 (1995).
- FREITAG, B; Rouanet, S.P - Habermas. São Paulo, Ática, 1980.
- HABERMAS, J. The theory of communicative action. Vol 2. Lifeworld and system: A critique of functionalist reason. Boston, Beacon Press”, 1987.
- _____. O Discurso filosófico da modernidade. Trad. Ana Maria Bernardo e outros. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.
- HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W..- Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- Horkheimer, Max e Adorno Theodor - Dialética do Esclarecimento, Ed. Jorge Zahar, 1988.
- MATOS, Olgária. A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo. 2ª. Ed. São Paulo, Moderna, 2005.
- PINTO, F. Cabral - Leituras de Habermas. Lisboa. São Paulo: Fora do Texto, 1992.
- SLATER, Phil. Origem e significado da Escola de Frankfurt. Tradução de Alberto Oliva. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- THEODOR, Adorno. Educação e Emancipação, Ed. Paz e Terra, 1975.
- _____. Indústria Cultural e Sociedade, Ed. Paz e Terra, 1978
- WIGGERSHAUS, Rolf. A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política. Trad. De Lilyane Deroche-Gurgel (do alemão) e Vera de Azambuja Harvey (do francês). Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

Artigo enviado em 23/03/2016, aceito em 16/04/2016